

ENTREVISTA | ALEX NADER

ATOR

‘Não quero só fazer entretenimento, também quero denunciar’

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Quem passou pela plateia de “A Paz Perpétua”, montagem de Aderbal Freire-Filho para um texto de tom filosófico de Juan Mayorga, encenado país adentro há cerca de uma década, há de reconhecer o latido machucado do cão Cassius em toda a (boa) atuação feita por Alex Nader depois daquele inesquecível espetáculo. Não é questão de estar preso a um personagem. Já faz tempo que Cassius cantou... ou melhor, latiu para subir. A questão é estar atento às violências do mundo. Nader está.

Sempre está. Não por acaso, alia-se, sempre que pode, a projetos que esquadrejam as entranhas mais imundas do pacto colonial eurocêntrico, como “Migrantes” e “Para Meu Amigo Branco”, peças em que implodia no palco. Noutras mídias, seu repertório é também pontuado de trabalhos reflexivos. Inunda o obturador da câmera com seu gestual seja na linha mais pop do audiovisual (vide a série “DNA do Crime” ou a novela “Dona de Mim”, em que cruzou sets com sua amada na vida real, a atriz Aline Borges) ou em expressões filmicas de toada mais radical, como o longa-metragem “Pele de Rinoceronte”.

Um dos seis concorrentes ao Kikito de Ficção do recém-encerrado Festival de Gramado, esse filme, dirigido pelo produtor Marcello Ludwig Maia, discute feminicídio ao revisitar a morte da modelo Ângela Diniz (1944-1976), assassinada pelo tóxico Doca Street (1934-2020) na década de 1970. Nader é quem interpreta Doca, embora sem usar esse nome. Trabalha com a persona dele. Investiga pecados.

A afinação com enredos politicamente alertas não impede que Nader diga “Sim!” para pipocas que, eventualmente, pipoquem em seu caminho, à espera de um (bom) ator como ele para seus elencos. Paralelamente, esse Burt Lancaster de Vicente de Carvalho dá uma guinada para produções internacionais,



Rodrigo Fonseca/Divulgação

“A grande importância desse filme está em denunciar essa falácia de que o feminicídio seria cometido por amor”

firmando seu rastro em trabalhos que investiguem mazelas não só do Brasil, mas das Américas. No papo a seguir, esse intérprete que sacode teatros, mas leva a vida numa nice, na discrição típica de quem nasceu para ser grande, compartilha com o Correio da Manhã as migrações e as mirações em seu porvir.

Paralelamente à sua passagem com “Pele de Rinoceronte” por Gramado - um festival, que, historicamente internacionaliza nossas produções pela América

hispânica -, você atuou em um thriller estrangeiro. Que projeto é esse, de onde é e como foi rodá-lo?

Alex Nader - É um filme que fiz no Paraguai. Ele se chama “Golpe”. É um trabalho com o Nico García (um astro e agora também diretor Nicolás García Hume, conhecido por “7 Caixas”), que também está na série “DNA do Crime”. Ele trabalha com a diretora argentina Romy Tamburello. A história se passa quando acaba a ditadura paraguaia, ali pelo fim dos anos 1980. Tudo acontece durante uma festa, que ter-

mina em uma grande chacina. É um filme sanguinolento, numa linha que lembra Quentin Tarantino.

Há um perfume de reflexão política. Em seu debate sobre feminicídio, “Pele de Rinoceronte” se alinha com o ethos combativo do repertório que você estrela no teatro, marcado por textos que apostam na denúncia... e das mais variadas violências sociais. De que maneira essa linha temática amplia a tua

lucidez em relação à nossa sociedade?

Desde cedo, eu senti que aquilo ali era o lugar mais bacana de estar como artista. Não quero só fazer entretenimento, também quero denunciar. Quando a gente joga isso no universo, ele entende, e esses trabalhos vão chegando naturalmente. Eu foco nisso principalmente no teatro, porque ainda é o lugar onde temos mais liberdade de escolha. Quando papéis dessa natureza também chegam no audiovisual, é um presente.

O que “Pele de Rinoceronte” representa dentro desse caminho que você escolheu?

A grande importância desse filme está em denunciar essa falácia de que o feminicídio seria cometido por amor. Sempre se falou: “o cara mata por amor”. Acho que esse filme permite que a gente olhe para isso e entenda que não. Amor não mata, o que mata é ódio. Como artista, eu me sinto muito feliz de poder contar histórias que fazem o público refletir sobre a nossa sociedade e sobre tudo o que precisamos mudar.

Qual é o maior desafio para quem vive de atuar no Brasil?

É não saber o dia de amanhã. Isso é impressionante. Faço 50 anos este ano, em novembro, e ainda não entrei nessa vida que a rede social cria como uma espécie de ilusão. Eu não emendo um trabalho no outro. A dificuldade está em conseguir se manter trabalhando o tempo todo. Faço uma série durante cinco meses e depois fico outros cinco sem trabalho. Aí faço uma peça, ela roda por um período... e, quando acaba, tudo volta a ser incerteza. É muita gente para pouco trabalho, para pouco espaço. Então, a grande dificuldade da profissão é conseguir constância e emendar um trabalho no outro, sem brechas. Essa é a minha busca: preciso parar de ter férias, pelo menos, essas férias que o mercado impõe, com seus hiatos.

Além do cinema, você pretende voltar ao teatro?

Planejo voltar aos palcos com “O Âncora”, o monólogo que fiz. Acredito que, nos próximos dois ou três meses, vou estar em algum lugar com ele.

E o que mais vem pela frente?

Além de “Pele de Rinoceronte”, tem a terceira temporada de “DNA do Crime”, que a gente já gravou e estreia em janeiro. É uma série de muito sucesso na Netflix, e Isaac, meu personagem, já começou a me abrir portas internacionais, como é o caso de “Golpe” e eu já tenho outro projeto lá no Paraguai.